



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 161-166

PRAGMATISMO E CURRÍCULO: A CONCEPÇÃO NEOLIBERAL DE EDUCAÇÃO CURRICULAR

Ivanildo Claro da Silva1

Orientador: Antonio Bosco de Lima2

Objetivamos com este trabalho a reflexão da abordagem curricular numa perspectiva crítica de educação. Nosso pressuposto é que todo projeto curricular está articulado a um contexto, requerendo, assim, sua análise a partir dos interesses de classe que estarão explicitados no projeto de educação e escola.

Partimos de uma questão que problematiza tal perspectiva aqui desenvolvida: é possível uma teoria que capte a escola como instrumento de emancipação da classe trabalhadora? Esta é a pergunta que (SAVIANI, 1988), vai fazer ao final da análise sobre as teorias crítico-reprodutivistas de educação, e que constitui-se em objeto de estudo quase vinte anos depois. De acordo com (SAVIANI, 2003), vamos perceber que há grandes possibilidades de construir uma resposta a tal indagação, desde que possamos colocar nossa práxis educativa numa perspectiva de classe, compreendendo esse movimento de rearticulação do capital e da ideologia que gera esse mesmo movimento. Este ensaio, apesar de suas limitações, busca provocar o debate, fazendo perguntas históricas, para que, as respostas, necessariamente, possam ser históricas.

Hoje estamos convivendo, mais que nunca, com teses nas quais os seres humanos estão submetidos à margem da história, não mais em pactos sociais, horizontais, como diria Rousseau, nem pactos sociais verticais, como diria Locke, mas em seres determinados pelo poder do mercado, sem um pacto, sem um contrato social, como queriam Hobbes e Adam Smith. Este tem segundo tais teses um valor universal, acima do próprio homem, acima da política. A lei da oferta e procura viria agora, no princípio do século XXI, substituir uma concepção historiográfica e, assim, viria explicar e regulamentar o relacionamento e o crescimento dos povos.

Nas experiências históricas em que o neoliberalismo se instalou como discurso hegemônico houve/há uma super degradação humana. A fome e a miséria, aumentando, estão sendo explicadas de forma sutil, tal como desalinhamento em relação aos centros, ou então, uma descapitalização do mercado local, ou de uma maneira mais grotesca, culpabilizando o indivíduo pelo seu fracasso.

Mas um estudo científico como este, deve primar pela explicitação de categorias que norteiam as práticas educativas, políticas, sociais, enfim que orien-

tam o modo de produção. Neste sentido que vamos compreender que existe um diferencial entre capitalismo e liberalismo (RECH, 2003). O primeiro é a base material, seu modo de produção e o segundo é o referencial teórico daquele, seu corpo doutrinário para transformar os valores em senso comum. São os princípios do individualismo, da liberdade, da propriedade, da igualdade e da democracia. Esta ideologia abre um mundo de sonhos, de perspectivas e de crenças, sobretudo no campo da educação. Como observado por (RECH, 2003), as pessoas passam de súditos no feudalismo à cidadãos, não é chique? Todas aquelas imagens/valores da sociedade clássica grega, vem à mente do sujeito. Foi dessa forma que o pensamento liberal “rapidamente” se tornou hegemônico.

A afirmação dos princípios liberais se dará pela via revolucionária e o grande meio de difusão e de universalização de seus princípios se dará através da escola, uma vez que os púlpitos ainda estão ligados à velha ordem (RECH, 2003). Dentro dessas articulações ou reações é que os teóricos da educação procurarão construir suas concepções teóricas e metodológicas. Os grandes enfoques que estarão presentes em todos eles são os do indivíduo, das classes sociais (seja para afirmação ou para negação), do estado, da sociedade e do mercado.

Outra contribuição importante de (RECH, 2003) é sua explicitação dos grandes paradigmas, entendendo-os como uma concepção geral, um modo de investigar ou ainda a constituição de um círculo de pensadores que compartilham entre si concepções e procedimentos idênticos. Neste sentido, ele trabalha três grandes paradigmas: 1. Positivismo; 2. Pragmatismo e a Doutrina da Igreja Católica. Um quarto seria o marxismo, o qual nós procuramos perseguir através do método e da prática e por isso não vamos explicitar aqui.

Segundo o autor, o positivismo terá em Auguste Comte e Emile Durkheim seus grandes defensores. Segundo esses autores, o principal elemento da ideologia positivista será o de construir indivíduos para uma sociedade ordenada. Uma vez esta sociedade se ordenando, ela estará pronta para o progresso. “Ordem e Progresso”. Comte deu um destaque muito grande para a disciplina na educação e já Durkheim vai partir dos sistemas nacionais de educação, em seu meio, onde as crianças estão na escola com o problema da universalização quantitativa resolvido, os trabalhadores estão mais articulados, os sistemas nacionais de educação estão instituídos, então, sua grande preocupação será a formação moral. A sociedade passará a ser um grande tecido social, em que os indivíduos, os quais serão os órgãos deste tecido, exercerão atividades diferenciadas – educação para as funções. Nesta formação moral Durkheim não estava pensando na Igreja como “parceira”. Seu direcionamento seria, segundo (RECH, 2003), construir a religião da sociedade,

onde se adequaria a formação para a disciplina, a moral e para exercer a função determinada no mundo. Aqui ele já dialogava com Karl Marx, procurando resolver as contradições do sistema capitalista, dentro do próprio sistema.

Neste sentido, para as concepções pragmáticas colocadas na sociedade brasileira hoje, será um passo nesse movimento da pedagogia tecnicista desenvolvida durante a década de setenta até meados de oitenta e, ressuscitada nos anos noventa, principalmente com a proposição da centralidade da educação básica, a qual teve como principal efeito a “universalização do ensino”. Tal elemento presente nas políticas educacionais da década de noventa vai ser classificada por alguns autores como um “neotecnicismo”. A importância da universalização encontra amparo na perspectiva quantitativa, conforme divulgado pelo Ministério da Educação em 2001, “96,3 por cento das crianças estão na escola”, e ponto final.

O Estado do Paraná vai acompanhar tal abordagem educativa, tendo como seu maior empreendedor o governo de Jaime Lerner (1995-2002). Sua filosofia de trabalho, vai estar totalmente articulado com o Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional. Seus valores pedagógicos serão explicitados por (DELORS, 2001), organizador do relatório para a UNESCO – Comissão internacional sobre educação para o século XXI. Nos parece que essa idéia que é preciso educar para as competências e habilidades: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos, volta à carga, as idéias de John Dewey, com um peso ideológico muito maior, com a idéia de que “tudo casa com tudo” e não casa com nada. Como nos lembra José Arbex Junior, sobre a mídia, em particular a televisão: você assiste um jornal como “Jornal Nacional da Rede Globo”, tem uma idéia de tudo e ao mesmo tempo de nada. Ou seja, você desliga a televisão e não construiu nada.

Este é um movimento, que desconsidera totalmente uma abordagem conteudista, como defendiam na década de 80 os educadores da pedagogia histórico-crítica. Hoje, o grande realce aplicado à educação consiste no esvaziamento dos conteúdos. Percebemos que os conteúdos foram altamente empobrecidos em função da ânsia em apresentar estatísticas a qualquer preço, para num primeiro momento, responder a crítica dos educadores de esquerda que erguia a bandeira da universalização como saída tática de um sistema centralizador e, num segundo momento, aos organismos financeiros internacionais que tem pro excelência cobrar resultados, cobrar números, estatísticas.

Ora, o que percebemos é que a abordagem atual alimenta-se no postulado do pragmatismo. Veja, parece que, sob a perspectiva do pragmatismo, a escola está em um caos total, contudo, é uma teoria bem mais elaborada, como ensina (RECH, 2003), onde as verdades não serão mais absolutas e nem elementos coerci-

tivos. Nela a ação será vista como uma atividade “inteligente” do homem. Terá como conceitos básicos a experiência e a ação, sempre atividades “inteligentes”, que serão trabalhadas na escola, para a construção da democracia e para a “criatividade” da criança. Para tanto será necessário superar a escola tradicional e instituir a escola progressiva. A construção da democracia será a principal tarefa da escola. Vale lembrar do movimento das diretas já, no final da ditadura formal. Impedimento do Presidente Collor. Pois é, é interessante observar como a classe dominante, capitalista, se apropria das bandeiras da chamada esquerda brasileira para manter a dominação.

John Dewey pertence ao período do liberalismo, que Miriam Jorge Warde, segundo (RECH, 2003), classifica como de acumulação, período no qual estava profundamente preocupado com as questões da industrialização, com a divisão do trabalho e a superação da alienação pelas atividades inteligentes do homem. Acima de tudo situa a sua crença na democracia, sendo a educação, o instrumento para a sua construção.

John Dewey sofre fortes influências da filosofia clássica alemã, especialmente de Hegel, bem como do evolucionismo de Darwin e da psicologia de James. Ele também conhecia a doutrina de Marx, mas em vez da revolução, pregava uma sociedade democrática na qual os avanços industriais e financeiros seriam colocados a serviço do social. Em seu tempo já não havia nos Estados Unidos o problema da universalização da escola e a produção industrial e o crescimento econômico do país não tinha precedentes. Isto certamente fortaleceu a sua crença de que o progresso econômico, somado à democracia, traria a justiça social e por isso, por adaptação e não por rupturas bruscas, por ações inteligentes proporcionadas pela escolarização de todos é que se construiria a sociedade justa e se superariam as contradições sociais.

Evidente que para os nossos propósitos de sociedade brasileira, esse filme já foi rodado no período da educação tecnicista, fundada na abordagem do capital humano, a escola era a pretensa imperatriz da liberdade e da produção da igualdade, ensejada como aquela que iria redimir a ignorância e efetivar a ascensão social dos indivíduos. Como fica o currículo neste momento? Claro que com a proposição moral e cívica, com o treino, com a individualização dos sujeitos e com uma disciplina controladora e castradora.

Outro ponto que Rech (2003) trabalha em seu artigo é a influência da doutrina da Igreja Católica que normalmente passa despercebida pela maioria dos intelectuais, inclusive de esquerda. Isto porque é muito complexo andar sobre este terreno arenoso, que é a fé das pessoas... como diria Raul Seixas, em Pastor João e a Igreja Invisível – “...pois a fé remove montanhas, traz muito fama...”. Não é tarefa fácil discutir o materialismo com socialistas cristãos, só para dar um exemplo,

mais ainda, que as pessoas são movidas por crenças. Todos, em geral, precisam acreditar em alguma coisa para lutar... ou... para não lutar. Tal complexidade exige calma, sapiência e... método. Nós lutamos para compreender a totalidade dos fenômenos, contudo, sabemos que vamos compreender só uma parte, como bem explicitou (GASPARIN, 2003). Portanto, aquilo que em um primeiro momento parecia um caos, em um segundo momento, após a abstração daquele objeto caótico, realiza-se, em uma síntese, elemento superador de uma tese. Do caos, surgem, portanto, outras possibilidades. Qual a função e utilidade? Depende da articulação e das lutas instituídas, explicitadas.

Para concluir, se na década de oitenta os educadores progressistas lutavam por uma abordagem quantitativa da educação, buscando a universalização do ensino, pois universalizar significa quantificar, estes mesmos educadores, muitos alinhados à pedagogia histórico-crítica conteúdista trazia nesta bandeira de universalização a perspectiva da qualidade. Mas qual era a tal qualidade? Era uma qualidade total? Não! A perspectiva de qualidade era uma qualidade social, fundada em critérios de avaliação de produção intelectual de transformação da sociedade de democratização das relações de poder estabelecidas na sociedade na escola.

A universalização da década de noventa tem outra padronização: eficiência e eficácia, elementos que estão ligados à produtividade, aos resultados. Políticas de resultados, como a dos sindicatos pelegos, não é mais preciso formar politicamente, mas obter resultados na negociação. Assim, na educação não é mais preciso formar, é preciso informar, não é mais preciso de sujeitos críticos, mas de sujeitos consumidores, não é mais preciso intelectuais, mas de indivíduos criativos. Esta é uma outra forma de qualidade, que bebe na qualidade total empresarial. Não vamos confundir “alhos com bugalhos”, não vamos, portanto, confundir a universalização dos anos oitenta com a universalização dos anos noventa.

E a questão que não quer calar: é o currículo, o que tem a ver com isto? O currículo expressa um projeto político-pedagógico que se quer implementar nas escolas. Antes disso o currículo expressa o desejo de formação de cidadão, de sujeito, de consumidor que está presente na sociedade, na condução político-ideológica do Estado. O currículo, assim, está recheado de elementos ideológicos, representativo da falsificação do real.

O que esperar então da escola? Ora, ela não é resultado somente das políticas educacionais, ela é resultado também do que produz o educador, resultado por sua vez, remetendo-se ao velho Marx, quem educa o educador? Então, par apresentarmos alguns indicativos conclusivos, como observamos, somando tudo isto, é um cenário perfeito para o pragmatismo educacional e continua a enganação para a classe trabalhadora/revolucionária.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir** – 5ª ed. Cortez. São Paulo, SP, 2001.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Autores Associados. 2ª Edição. Campinas, SP, 2003.

RECH, Pedro Elói. **A Educação no Século XXI – Caderno Pedagógico**. 2ª Edição / Abril– APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná, Curitiba, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**, Cortez/Autores Associados, 20 ed. São Paulo, 1988.

_____. **Pedagogia Histórico-Crítica**. Autores Associados. 8ª Edição. Campinas, SP, 2003.

NOTAS

- ¹ Aluno do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, Unioeste, Campus de Cascavel. Professor do Colégio Estadual Presidente Costa e Silva.
- ² Professor orientador e do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação, Unioeste, Campus de Cascavel.